

Senhor Presidente da Assembleia
Senhoras e Senhores Deputados
Senhor Presidente do Governo
Senhoras e Senhores Membros do Governo

Vivemos hoje um tempo de interrogações, de dúvidas e de incertezas cada vez mais intensas e acutilantes.

A garantia da manutenção dos postos de trabalho é cada vez mais uma incerteza e as reformas entretanto encetadas tiveram custos elevadíssimos, sobretudo para os trabalhadores por conta de outrem.

Ao nível da Região Açores, temos vindo a assistir à crescente dificuldade de muitas empresas, que se viram confrontadas com uma crise que também nos toca e que também nos atinge, obrigando muitos trabalhadores a procurarem novas formas de vida e de subsistência.

Preocupa-nos assim o destino das empresas onde trabalham centenas de Açorianas e Açorianos que ciclicamente se debatem no limiar da sobrevivência, perante a insensibilidade de uma Europa que diz também cultivar o valor da solidariedade.

Ao mesmo tempo que pairam tais ameaças, preocupa-nos o facto do Governo Regional se vangloriar com a existência nos Açores de uma baixa taxa de desemprego, quando sabemos que os números mostram uma realidade deveras preocupante.

Ao contrário daqueles que só muito tardiamente reconheceram formalmente as dificuldades, a crise do desemprego é algo que não é de agora nem é apenas consequência da crise internacional.

Por muito que vos custe ouvir falar daquela que tem sido uma bandeira sistematicamente usada para gáudio da governação socialista, a verdade é que a crise do desemprego não é de hoje, nem de ontem e tem-se vindo a acentuar desde 2003.

Senhoras e Senhores Deputados
Senhoras e Senhores Membros do Governo

Longe vão os tempos vividos em 2001 e 2002 nos quais a taxa de desemprego oscilava entre os 2 e os 3%.

Com um valor mínimo de 2% em 2003, a verdade é que a partir dessa altura a taxa de desemprego tem apresentado uma tendência crescente, culminando em 2008 com um preocupante valor de 5,6%, isto é, em cinco anos atingiu quase o triplo do valor atingido em 2003.

Se a tendência crescente do desemprego assume uma dimensão que nos deve preocupar, e se é agora assumida uma situação ainda mais preocupante em 2009, mais do que intenções, é fundamental que sejam agora executadas, sobretudo nas chamadas ilhas de coesão.

Senhor Presidente da Assembleia
Senhoras e Senhores Deputados
Senhoras e Senhores Membros do Governo

O mundo do trabalho não é hoje um mar de rosas como os senhores bem gostam de referir.

Não obstante a propaganda, estamos ainda muito longe daquilo que se torna imperioso fazer em tempo de dificuldades acrescidas e excepcionais.

Porque se trata de uma situação excepcional são urgentes medidas excepcionais que permitam complementar as aquelas, que nunca por nós foram criticadas, entretanto anunciadas pelo Governo.

Precisamente por isso as propostas do PSD, dirigidas às pessoas e às empresas, que mereceram inclusive o bom acolhimento de associações empresariais, sindicais e de produtores, vão ao encontro das dificuldades sentidas pelas famílias e pelas empresas.

Esperamos para ver até onde vai a boa vontade socialista. Vejamos se é agora que abandonam a postura habitual que têm perante as propostas que apresentamos.

Se tal não acontecer, mais do que acolher os contributos da Oposição o que verdadeiramente vos interessa é fazer parecer que não ficam mais uma vez isolados, fazendo jus à velha máxima, de má memória, que “orgulhosamente sós” governam a seu belo prazer os destinos da Região Autónoma dos Açores.

Senhoras e senhores Deputados

Senhoras e Senhores Membros do Governo

Um país sem emprego é um país sem esperança, sem “chama” e sem futuro...

Uma ilha sem emprego é também uma ilha onde falta a esperança, a força e onde falta sobretudo o futuro...

Se a coesão é uma necessidade e um imperativo de solidariedade, estamos absolutamente convictos que só na promoção do emprego será possível gerar riqueza e garantir a esperança, sobretudo nas ilhas mais pequenas.

Acreditamos por isso que só na oferta de mais e melhor trabalho se pode inverter o grave problema da desertificação, que nos preocupa a todos.

É pois absolutamente necessário que os fundos comunitários sejam aplicados em investimentos reprodutivos e geradores de mais emprego, pois *o trabalho é para nós “fonte de esperança e de desenvolvimento”...*

Precisamente por isso impõe-se fazer um diagnóstico estratégico que permita nortear não só as políticas de emprego, mas também e sobretudo as políticas geradoras de mais e melhor desenvolvimento.

Assim, o Diagnóstico que urge e que importa fazer é o Diagnóstico Estratégico das Ilhas, de cada uma delas, detectando as “fraquezas” mas também, e sobretudo, as suas próprias potencialidades.

Depois de conhecidas as potencialidades de cada uma, só aí podemos fundamentadamente investir, só aí podemos garantir o emprego, a segurança e o retorno do investimento, que não é pertença deste Governo, mas sim de todo e qualquer Açoriano.

O Diagnóstico que urge e que importa fazer é o de também saber porque saem os jovens das ilhas mais pequenas para não mais voltarem, desertificando as ilhas, com os consequentes impactos negativos que isso mesmo acarreta.

O Diagnóstico que urge e que importa fazer é o de compreender as razões da desertificação, apontando caminhos e sugerindo soluções para o

crescimento do emprego, capaz de fazer regressar a juventude e com isso gerar uma nova esperança para os Açores e para os Açorianos em geral.

Senhor Presidente
Senhoras e Senhores Deputados
Senhoras e Senhores Membros do Governo

Como sociais-democratas que somos assumimos os valores humanos e assumimos o trabalho e a justiça social como factores de engrandecimento do homem e da sociedade em geral.

Chegou a hora de fazer decisivamente essa defesa, pois o trabalho é fonte de esperança e é também aquilo que verdadeiramente engrandece e enobrece os Povos.

Senhor Presidente
Senhoras e Senhores Deputados
Senhoras e Senhores Membros do Governo

Finalmente um desabafo:

Preocupa-me a descrença, o desânimo e o desalento...

Preocupa-me a descrença porque ela não mobiliza, nem garante a força que é necessária para vencer o desânimo e os novos desafios que se avizinham...

A sociedade está “doente”, descrente e desiludida... Por isso é urgente chamar, é urgente ouvir, e é sobretudo urgente agir e assumir com garra a voz da esperança...

Em suma:

É urgente semear a nova luz da esperança...É essa a nossa responsabilidade e é esse o nosso dever.

Muito obrigado